

# POSTAIS



do Conhecimento



Um mapeamento da Graduação

--	--	--	--	--	--	--	--



O olhar sensível do fotógrafo Ricardo Lêdo capta, numa cidade do interior de Alagoas, o mapa do Brasil. O Brasil contém Alagoas e, em Alagoas, encontra-se a Ufal. Na Ufal, estudam hoje mais de 26.000 alunos. A maioria desse contingente cursa a graduação, o primeiro estágio para os egressos no ensino superior. Todos os dias, nos corredores das unidades acadêmicas, bem como no espaço virtual, é esse público que justifica a existência da instituição. São jovens e adultos que chegam com diferentes bagagens culturais e encontram no ambiente de ensino/aprendizagem um espaço para questionar, refletir e criticar sobre a realidade a sua volta. A Ufal surgiu, em 1961, da vontade de alunos em criar a primeira universidade de Alagoas; e, cinquenta anos depois, mesmo diante de problemas e obstáculos, a instituição continua a se expandir, por meio da interiorização, atendendo aos anseios de uma nova geração de alunos que, morando no interior do Estado, reivindicam uma universidade pública e gratuita para Alagoas.

# Graduação: avaliação e reconhecimento

Lenilda Luna

A ampliação quantitativa de vagas no ensino superior deve ser acompanhada pela qualificação dos cursos. Desde 2004, o Sistema Nacional de Avaliação (Sinaes) tem sido aplicado nas várias instituições de ensino superior para que os cursos sejam periodicamente reavaliados. "Esta é uma alteração significativa, já que antes os cursos eram reconhecidos e o credenciamento era permanente. Agora são ciclos avaliativos a cada três anos para os cursos e a cada 5 anos para as universidades", explica Maria Antonieta Albuquerque, coordenadora da Comissão Permanente de Avaliação.

A recém-formada assistente social, Ana Paula Morais, se preocupa pelo fato de o curso que ela fez ainda não estar reconhecido. "É complicado, pois pretendo fazer mestrado e muitas, senão todas as instituições de ensino, exigem curso reconhecido pelo MEC, e também quero fazer concurso público", diz Ana Paula.

Segundo Maria Antonieta, o curso de Serviço Social, no qual Ana Paula se formou, vai passar pela primeira avaliação em outubro deste ano. "As coordenações dos novos cursos deram entrada no processo dentro do prazo e, por isso, os alunos estão cobertos pela portaria n. 40, que garante a participação em concursos e na pós-graduação até que o curso seja oficialmente reconhecido", explica a coordenadora da CPA.

Cursos mais antigos também estão sendo reavaliados. No início de julho, a Pró-reitoria da Graduação recebeu o relatório de avaliação do curso de Comunicação Social- Jornalismo, elaborado pela Comissão de Avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais (INEP/MEC), que visitou o curso no período de 26 a 29 de junho. Após avaliar o projeto pedagógico, o corpo docente e a infraestrutura do curso, a comissão sugeriu o conceito 3, indicando a renovação do reconhecimento do curso, apesar de apontar alguns problemas que precisam ser corrigidos, principalmente com relação à infraestrutura, como laboratórios, salas de aula e acervos da biblioteca considerados insatisfatórios.



Maria Antonieta

"Os relatórios produzidos pela comissão não têm caráter punitivo. Caso a Sesu não aceite o conceito indicado, a instituição

responsável pelo curso assina um protocolo de compromisso, no qual se prontifica a corrigir os problemas e cumprir as exigências do MEC", explica a coordenadora.

Até o final do semestre, todos os cursos criados em 2006 no Campus Arapiraca devem ser avaliados. No Campus Maceió, os próximos cursos a serem avaliados pela primeira vez são Engenharia Ambiental e Dança. Já os alunos dos cursos de licenciatura e engenharias do Campus do Sertão terão sua primeira participação no Enade este ano e apenas em 2013 os cursos serão avaliados.

"Não temos processos pendentes ou fora do prazo na Ufal. A avaliação está seguindo o ritmo determinado pelo MEC. Ainda temos muito o que melhorar, principalmente em cursos como Psicologia, Agronomia e Medicina Veterinária, que têm problemas de infraestrutura essenciais, como laboratórios e o hospital, mas estamos avançando para ampliar vagas no ensino superior com qualidade, neste Estado onde a universidade cumpre uma missão fundamental para o desenvolvimento", conclui Maria Antonieta.

## IGC: indicador de qualidade

O IGC é um indicador de qualidade construído com base numa média ponderada das notas dos cursos de

graduação e pós-graduação de cada instituição. Assim, sintetiza num único instrumento a qualidade de todos os cursos de graduação, mestrado e doutorado da mesma instituição de ensino. Divulgado anualmente, o resultado final do IGC é expresso em valores contínuos (que vão de 0 a 500) e em faixas (de 1 a 5). Notas 1 e 2 são consideradas insatisfatórias.

O indicador orienta as visitas in loco dos avaliadores do Inep,, além de informar a sociedade sobre a qualidade das instituições. De acordo com o ministro da Educação, Fernando Haddad, o IGC está cumprindo a função de diminuir as distâncias entre instrumentos de avaliação objetivos e as visitas in loco de especialistas às instituições. "As avaliações in loco vêm confirmando os indicadores apontados pelo IGC", disse. Segundo o ministro, o indicador permite aos avaliadores in loco aferir as deficiências apontadas na avaliação objetiva.

Caso as visitas dos especialistas confirmem o resultado do IGC, as instituições com notas inferiores a 3 têm prazo para recorrer desse resultado. Mantida a nota baixa, a instituição não poderá abrir novos campi, cursos ou ampliar vagas em cursos existentes até resolver os problemas indicados, mediante termo de saneamento firmado com a Secretaria de Educação Superior.

## Ampliação de vagas com qualidade

A assistente social Ana Paula Morais formou-se na segunda turma do curso de Serviço Social da Unidade de Ensino de Palmeira dos Índios, Campus Arapiraca, no início deste ano. Para ela, a interiorização foi muito importante, porque permitiu o acesso ao ensino superior de estudantes do interior do Estado que não teriam condições de estudar na capital, mas ainda é preciso melhorar muito. "Por trás de um curso existe uma demanda de condições estruturais que dependem de investimento, professores, compromisso e qualidade. O Campus Arapiraca ainda passa por mudanças estruturais que ainda não se concretizaram, o que prejudica a formação do aluno", avalia a ex-aluna.

A avaliação crítica da formanda é importante para sinalizar os investimentos que são necessários na melhoria dos cursos; por isso, o MEC estabelece um processo de acompanhamento. Para ofertar um curso, as universidades federais não precisam de autorização do MEC, porque têm autonomia de funcionamento, mas precisam informar a nova oferta, para que seja feita a supervisão, avaliação e, depois, o reconhecimento.

Nos últimos anos, a Ufal ganhou vários cursos novos. A partir de 2006, foram 16 cursos abertos no Campus Arapiraca, que formaram as primeiras turmas no ano passado. Em 2010, mais três cursos foram aprovados para o turno noturno.

No Campus do Sertão, foram ofertados, a partir de 2010, oito cursos. Já no Campus Maceió, em 2010, foram ofertados mais quatro cursos de graduação: Engenharia de Petróleo, Engenharia de Computação, Design e Química Tecnológica e Industrial. No total, são 76 cursos de graduação presenciais.

A coordenadora dos cursos de graduação da Ufal, Elza Maria da Silva, diz que todas as metas do Programa Reuni relacionadas à ampliação de vagas na área de graduação já foram atingidas antes do período determinado. "Essa ampliação era para ocorrer até 2012, mas as metas propostas foram atingidas pela Universidade Federal de Alagoas no terceiro ano do programa", afirma Elza.



Colação de grau da primeira turma de Serviço Social da Unidade de Palmeira

### EXPEDIENTE

**Postais do Conhecimento**, com o tema **Um mapeamento da Graduação**, é o terceiro número de uma coleção comemorativa dos 50 anos da Universidade Federal de Alagoas, publicada em 2011.  
**Tiragem:** 10.000 exemplares

#### GESTÃO

Ana Dayse Rezende Dorea - **REITORA**  
Eurico de Barros Lôbo Filho - **VICE-REITOR**

#### Universidade Federal de Alagoas

**Endereço:** Campus A. C. Simões - Av. Lourival de Melo Mota, s/n. Tabuleiro do Martins. Cep:52072-970. Maceió-AL  
**Assessoria de Comunicação (Ascom):** 3214-1052  
**Pró-Reitoria de Extensão (Proex):** 3214-1134  
**Coordenação de Assuntos Culturais:** 3221-3122

[www.ufal.edu.br](http://www.ufal.edu.br)  
[ascomufal@gmail.com](mailto:ascomufal@gmail.com)

#### Coordenação Geral

Márcia Rejane Gonçalves Ferreira MTB 352/AL

#### Redatores

Lenilda Luna  
Rose Ferreira  
Diana Monteiro  
Jhonathan Pino

#### Edição

Simone Cavalcante  
**Projeto Gráfico**  
Jailson Albuquerque  
**Diagramação**  
Marseille Lessa  
**Revisão**  
Rose Ferreira

#### Fotografia

Manoel Mota



Acervo do artista

#### Ricardo Lêdo

O artista visual Ricardo Lêdo capta na paisagem de Santana do Mundaú, interior de Alagoas, a imagem do mapa do Brasil. O que era fruto de uma reportagem virou obra principal da exposição **Relevo [o que é relevante?]**, exposta na Pinacoteca Universitária em 2011.

# Iniciação científica de A a Z

Jhonathan Pino

Pibic, Pibiti, Pibid, Pet, TCC e tantas outras siglas acabam confundindo a cabeça de inúmeros estudantes nos seus primeiros anos de universidade. Se elas foram feitas para facilitar suas vidas, muitas vezes acabam virando uma sopa de letras indecifráveis, capazes de provocar uma verdadeira indigestão para muitos estudantes. Como resultado, muitos ficam se perguntando qual seria a fórmula para desvendar esse emaranhado de letras. A resposta muitas vezes vem com uma palavrinha bem conhecida entre os pesquisadores: o "orientador". Elemento presente em todas as siglas citadas acima, o trabalho do professor/orientador está presente na vida de qualquer estudante. É através dele que se iniciam as investigações científicas e a produção do conhecimento na graduação.

Com a adesão da Ufal ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) em 1990, a Universidade entrou num ritmo crescente de produção científica. Buscando promover uma ênfase científica aos novos talentos, o programa é liderado por um professor/orientador para desenvolver pesquisas em suas áreas de interesse. Para isso, o professor conta com o apoio de bolsistas financiados por entidades, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal) e a própria Ufal. Atualmente, a universidade alagoana conta com 475 bolsas do Pibic e outras 25 bolsas do programa voltadas para alunos cotistas – Pibic Ações afirmativas.

A Ufal também é uma das pioneiras em uma nova categoria de iniciação científica. Trata-se do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Pibiti), que é voltado para pesquisas aplicadas ao desenvolvimento tecnológico e processos de inovação. "Esse programa teve início na Ufal em 2007, em conjunto com outras 20 instituições do país. Mesmo sendo um programa jovem, já mostra seus ótimos resultados, pois através dele já foram depositadas patentes", ressalta Sílvia Uchôa, coordenadora de Pesquisa da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (Propep).

De acordo com a professora, a política de pesquisa na Ufal é desenvolvida tanto por meio do rastreamento das linhas existentes nas pós-graduações da Universidade, como das próprias demandas da sociedade. "Para que elas sejam desenvolvidas, os alunos são orientados pelos professores, que geralmente estão inseridos em suas pós-graduações. As pesquisas acabam servindo como vetor para a inserção do aluno no mestrado", enfatiza Sílvia.

Um exemplo do acompanhamento inicial do aluno desde o seu primeiro ano de graduação é a Bolsa de Iniciação Acadêmica (BIA), na qual os primeiros colocados das grandes áreas no vestibular são contemplados com bolsas e recebem orientação desde o primeiro dia de aula.

## Metodologia Científica e TCC auxiliam estudantes para etapas posteriores

Para preparar melhor os alunos no início de suas carreiras acadêmicas, as universidades pensaram em algumas disciplinas que facilitassem a descoberta desse novo mundo: a mais conhecida delas é a Metodologia Científica.



Victor faz troca de experiências em festivais, como o Produto Instrumental Bruto, realizado em São Paulo

Magnólia Rejane, que começou a ministrar essa disciplina em 2010, no curso de Comunicação Social, revela a importância dela para o desenvolvimento de projetos: "Ela é fundamental, porque explica o contexto de produção do conhecimento científico, orienta sobre as normas dos trabalhos acadêmicos e as formas de cooperação entre os cientistas, suas associações e os órgãos de fomento", diz a professora.

Magnólia sabe bem do que está falando, pois há mais de 30 anos iniciou suas investigações como aluna dos cursos de graduação de Letras e Jornalismo. Desde então, já participou de vários projetos de pesquisa e ajudou na construção de trabalhos de dezenas de bacharéis, mestres e doutores. Um desses trabalhos foi a tese de Doutorado do também professor do curso de Comunicação Social, Almir Guilhermino, que teve sua tese "Dom Casmurro: a encenação de um julgamento", publicada pela Edufal em 2008.



Magnólia Rejane tem uma experiência de trinta anos de pesquisa

Mas não só os trabalhos científicos dos doutores que são publicados na Universidade. Por meio de um edital do Programa de Incentivo à Publicação Estudantil, promovido pela Pró-reitoria Estudantil em 2010, alunos de graduação tiveram a oportunidade de tornar mais conhecidos o resultado dos seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). Este ano, 18 artigos selecionados pelas Unidades Acadêmicas serão reunidos em uma só obra, que será lançado pela Edufal na realização da V Bienal do Livro de Alagoas, em outubro.

O temido TCC é a última etapa do estudante na graduação. Trata-se de um componente curricular obrigatório na Ufal desde 1994 e é última etapa do

aluno na graduação. "O trabalho faz parte da produção de um conhecimento mais elaborado pelos graduandos", ressalta Elza Maria, coordenadora de cursos de graduação da Pró-reitoria de Graduação (Prograd).

De acordo com Elza, o TCC deve ser capaz de mostrar aquilo que foi investigado durante o curso. "O aluno tem que pensar sobre 'o que é que no curso que eu estudei me interessa como área de investigação?', para que ele não faça apenas uma mera reprodução dos autores, mas contribua de forma criativa para a reflexão da sociedade naquela área de estudo", declara Elza.

Mas o que parece simples, às vezes deixa dúvidas; principalmente, na hora de escolha do tema e do orientador, como aconteceu com Sâmella Velez, que é aluna do oitavo período de Relações Públicas e está iniciando o seu TCC. "Colocar a mão na massa, fazer mesmo, faz pouco tempo. Mas, penso no meu TCC desde o quinto semestre, buscando um tema com o



Professora Elza Maria - Prograd

qual eu pudesse me identificar. Acho que essa é a pior parte: descobrir sobre o que estudar é o pesadelo de muitos estudantes e foi o meu também, por muito tempo. Até chegar ao tema escolhido confesso que mudei umas quatro vezes", relata Sâmella.

A professora Magnólia ainda aponta outros entraves para o aluno na hora de fazer o TCC, "acho que a expressão oral e escrita são empecilhos; a adequação às normas e protocolos da pesquisa também não são fáceis. Mas aos poucos, os alunos aprendem a se ajustar ao mundo sistemático da ciência", acrescenta tia Mag, como é conhecida por alguns alunos.

A professora acrescenta que existem alguns atalhos que ajudam ao aluno superar essas dificuldades: "o melhor caminho é a

experiência de iniciação científica. Infelizmente, nem todos têm essa oportunidade. Então, o que se pode fazer é estimular as leituras especializadas, estudos dirigidos e a participação em eventos científicos da área", explica.

Conforme Elza Maria, esse 'bicho-papão' já não é tão assustador assim para os estudantes da Ufal. "No começo sentíamos a dificuldade dos alunos na sistematização do conhecimento, daí alguns professores se preocuparam em construir um material que servisse para ajudá-los a pensar sobre o que eles poderiam investigar", relata Elza.

Sendo também responsáveis pela normatização dos TCCs, os colegiados de cursos pensam na melhor forma para a construção e apresentação dos trabalhos dos alunos. Por isso, alguns cursos dão características diferentes ao TCC: a depender dos cursos, o trabalho pode ser uma monografia, artigo ou intervenção acadêmica. "Para algumas áreas, o TCC tem se configurado em um conteúdo mais vivenciado pelos alunos, e os órgãos avaliadores dão maior atenção a isso. A gente precisa dar respostas aos problemas locais. Por isso, a necessidade de elaborar trabalhos científicos voltados para a realidade local" ressalta Elza.

Elza ainda destaca que, apesar de não ter como foco a pesquisa, projetos como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e o Programa de Educação Tutorial (Pet) também auxiliam os estudantes na construção do TCC. Alguns deles trabalham agregando o conhecimento adquirido na Universidade às práticas do ensino, como é o caso do Pibid; ou com a união de ensino, pesquisa e extensão, como é o caso dos Pets.

## "Fazer coletivamente o que se gosta é fórmula para o sucesso na pesquisa"

Independente do programa, todos os projetos funcionam a partir de grupos de pesquisa, cuja definição do CNPq resume-se em um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, através de uma, ou duas lideranças, com o intuito de trabalhar e compartilhar experiências em torno de uma linha de pesquisa. Foi a partir do grupo "Comunicação, Cultura e Música Popular Massiva", liderado pelo professor Jeder Janotti, que Victor Almeida iniciou os seus estudos sobre as transformações da produção, circulação e consumo da música em mercados de nicho segmentados.

A experiência de um ano de Victor no projeto de pesquisa Metodologia de Análise da Música Popular Massiva fez com que o estudante ganhasse base teórica para desenvolver seu TCC, como também entrar no Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco. "Foi através do projeto e do grupo de pesquisa que eu construí toda a base teórica que eu tenho hoje e aprendi a pensar a música sobre o viés da comunicação. Foi por isso que acabei enveredando pelo campo da pesquisa. Daí para o TCC, projeto de mestrado e participação em congressos foi um pulo. Quando a gente faz o que gosta e acredita, as coisas acontecem naturalmente", ressalta Victor.

A partir dos trabalhos desenvolvidos na Universidade, foi possível a Victor lançar o e-book "Dez Anos a Mil: mídia e música popular massiva em tempos de internet" e organizar eventos como o Encontro Nacional de Pesquisadores em Comunicação e Música, que aconteceu em dezembro de 2010 em Maceió e reuniu alguns dos nomes de maior expressão da pesquisa da área.

"Meu orientador, Jeder Janotti, tem uma parte fundamental na construção disso tudo. Foi ele que me apresentou o campo de estudo e me mostrou as possibilidades. Acho que a grande contribuição dele foi montar o grupo de pesquisa e permitir as trocas de experiências e informações entre o pessoal envolvido. Creio que os trabalhos são individuais, mas as reflexões são sempre coletivas dentro do grupo e Jeder tornou isso possível", lembra Victor.

# ALAGOAS

DIVISÃO MUNICIPAL



○ Polos UAB

## Interiorização transformando Alagoas

A implantação dos Campi Arapiraca e do Sertão tem demonstrado que a promoção do conhecimento científico voltado às demandas locais são imprescindíveis para o crescimento social, econômico e cultural das regiões agrestina e sertaneja. Considerada vetor de desenvolvimento do Estado, a Ufal já tem pronto o projeto do Campus do Litoral, que contempla a região norte e reforça o seu compromisso com a sociedade

Diana Monteiro

José Antônio de Albuquerque Filho foi o primeiro aluno do Campus Arapiraca a colar grau, marcando um momento histórico na Universidade Federal de Alagoas, consolidado em 2010 e iniciado em 2006 com a aprovação de José, que é deficiente visual, para o curso de Serviço Social da Unidade de Ensino de Palmeira dos Índios.

A vida do alagoano José começou a mudar a partir da interiorização da Ufal, e o conhecimento adquirido como aluno da graduação, sem dúvida, foi uma importante contribuição para sua aprovação em um concurso público em sua área, na prefeitura de Aracaju (SE), garantindo dessa forma a inserção no tão sonhado mercado de trabalho.

O exemplo de José consolida uma realidade pensada, implantada e conduzida pela gestão atual da única instituição federal de ensino superior de Alagoas que mantém em pleno funcionamento, desde 2006, um projeto crescente de inclusão, expansão e inovação, atendendo a uma demanda potencial por ensino superior do interior, o que representa 68,5% da demanda estadual. Um projeto para a formação superior com qualidade, visando o desenvolvimento social, econômico e cultural do Estado e já contemplando as regiões Agreste e do Sertão.

Ao completar cinco anos em setembro de 2011, o Campus Arapiraca vem consolidando suas ações acadêmicas e administrativas na sede Arapiraca e nas três Unidades de Ensino - Palmeira dos Índios, Viçosa e Penedo - mantendo em pleno funcionamento 19 cursos de graduação, que envolvem atualmente 7.140 alunos, 190

docentes e 70 servidores técnicos-administrativos, efetivando assim, suas atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

Essa realidade do primeiro campus de interiorização presencial tem tido reflexo significativo na avaliação positiva de seus cursos, fruto de um corpo docente qualificado e de projetos acadêmicos inovadores em sintonia com as novas exigências do mundo contemporâneo. Vale destacar as importantes parcerias locais, regionais, nacionais e internacionais voltadas para o desenvolvimento do Agreste de Alagoas, que contemplam diretamente 37 municípios da região.

Integram atualmente o Campus Arapiraca os seguintes cursos de graduação: em Arapiraca - Administração, Administração Pública, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Biologia (Licenciatura), Ciência da Computação, Educação Física, (Licenciatura), Enfermagem, Física (Licenciatura), Letras (Licenciatura), Matemática (Licenciatura), Pedagogia e Química (Licenciatura) e Zootecnia; na Unidade de Palmeira dos Índios - Psicologia e Serviço Social; na Unidade de Penedo - Engenharia de Pesca e Turismo; e na Unidade de Viçosa, Medicina Veterinária. Atualmente, estão em pleno desenvolvimento os cursos de pós-graduação lato sensu em Ensino de Filosofia e na modalidade a distância em Gestão Pública, Gestão Pública Municipal e Gestão em Saúde. Está em processo de aprovação no Consuni o curso de Especialização em Saúde Coletiva e Ambiente, em Arapiraca, e para Palmeira dos Índios já está aprovado e no aguardo do edital a Especialização em Direitos Sociais e Gestão dos Serviços Gerais.

# Campus do Sertão: compromisso com o semiárido



Há pouco mais de um ano, a Universidade Federal de Alagoas deu início à segunda etapa da expansão para o interior do Estado, ao inaugurar em março de 2010 o Campus do Sertão com oito cursos de graduação. Mesmo em fase de estruturação, o campus vem contribuindo com o conhecimento científico direcionado ao crescimento social, econômico e cultural da região sertaneja e reforçando seu papel como vetor de desenvolvimento do Estado de Alagoas.

Viabilizado pelos recursos do Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades

Federais (Reuni), o Campus do Sertão tem sede no município de Delmiro Gouveia e é dotado da Unidade de Ensino de Santana de Ipanema. Integram atualmente suas atividades acadêmicas e administrativas 898 alunos, 12 servidores técnicos-administrativos e 51 docentes. Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e Secretaria Estadual de Educação, a região sertaneja representa 13,2% da demanda estadual por ensino superior.

Instalado em um espaço provisório cedido pelo Governo Estadual, em outubro a sede do Campus do Sertão

começará a ser parcialmente ocupada pela comunidade acadêmica e administrativa. Com investimento de cerca de oito milhões de reais, a previsão de conclusão do prédio está prevista para 2012. O projeto, elaborado inicialmente pelo professor e arquiteto Jorge Marcelo, vem sendo conduzido e ajustado pela equipe de engenheiros e arquitetos da Superintendência de Infraestrutura da Ufal.

Segundo a superintendente Aline Barboza, o prédio é diferenciado por ter tecnologia sustentável, separação de águas servidas, conforto térmico e acústico. "A identidade do Sertão vai estar presente no trabalho de paisagismo com a plantação de mudas da região", disse ela, acrescentando ainda que o primeiro prédio, administrativo, previsto para ficar pronto há dois anos, atualmente se encontra em processo de revisão para abertura de uma nova licitação.

O Campus do Sertão envolve diretamente 25 municípios sertanejos, mas também vem atraindo egressos do ensino médio dos 23 municípios do entorno do Complexo Hidrelétrico de Xingó, pertencentes aos Estados vizinhos de Pernambuco, Sergipe e Bahia, demonstrando assim a importância da Ufal para a formação acadêmica de qualidade também regional.

Vale destacar a dedicação e o compromisso do corpo docente, que não tem medido esforços para promover e efetivar suas atividades de ensino, pesquisa e extensão e firmar parcerias, tendo como foco principal a formação qualificada de recursos humanos e o desenvolvimento do semiárido.

Estão em pleno funcionamento no Campus do Sertão os cursos de graduação em Engenharia Civil, Engenharia da Produção, Letras, Pedagogia, História e Geografia. A Unidade de Ensino localizada em Santana do Ipanema oferece os cursos de Ciências Contábeis e Ciências Econômicas. São muitos projetos de pesquisa e extensão em andamento desenvolvidos por professores e alunos em parceria com a sociedade. Está previsto para iniciar ainda esse ano o primeiro curso de Especialização, em Educação para as Relações Etnocorraciais do Semiárido Alagoano.

## Ufal pode chegar ao Litoral Norte

O que estava previsto para acontecer mais cedo pode se tornar realidade em uma próxima fase de expansão definida pelo Governo Federal: levar o ensino superior público e de qualidade a todas as regiões de Alagoas, quando for concretizado o funcionamento do Campus do Litoral Norte.

O Campus do Litoral Norte será especializado em Educação e tem como finalidade a busca de um novo paradigma para a formação de professores da área de Educação Básica, com a implantação de seis cursos inovadores de licenciaturas e um bacharelado em Pedagogia - Gestão e Coordenação Pedagógica -, que não pertencem ao elenco dos demais campi. Será dotado ainda de um Instituto de Estudos Avançados em Ciências da Educação, integrando a graduação e a pós-graduação, tendo como referência e laboratório a realidade educativa local, próxima e concreta.

Com sede no município histórico de Porto Calvo, a 91 quilômetros de Maceió, o Campus do Litoral Norte deverá exercer sua influência imediata sobre toda a porção Norte do Estado, compreendendo grande parte das sub-regiões da Zona da Mata e do Litoral, que contam com uma população de 232.074 habitantes, equivalente a 7,5% da população de Alagoas, conforme o Censo de 2010.

A implantação de um campus da Universidade Federal de Alagoas no Litoral Norte do Estado representará um novo ciclo de desenvolvimento e envolverá diretamente quinze municípios: Porto Calvo, São Miguel dos Milagres, Japaratinga, Maragogi, Campestre, São Luís do Quitunde, Colônia de Leopoldina, Matriz de Camaragibe, Passo de

Camaragibe, Jundiá, Flexeiras, Jacuípe, Joaquim Gomes, Novo Lino e Porto de Pedras.

Com estrutura acadêmica semelhante aos Campi Arapiraca e do Sertão, os cursos de graduação presenciais oferecidos inicialmente pelo Campus do Litoral Norte são os seguintes: Licenciaturas em Informática Aplicada à Educação, Educação Especial, Artes Visuais, Libras, Educação do Campo, História e Cultura Afro - Brasileira e Africana, além do bacharelado em Pedagogia - Gestão e Coordenação Pedagógica.

Outra inovação é que o campus já deverá ofertar também inicialmente quatro cursos de pós-graduação lato sensu (especialização) nas áreas de Educação Especial, Gestão e Coordenação na Educação Básica, Informática Educacional e História da Cultura e Arte Afro - brasileiras.

### História e índices sociais

A cidade de Porto Calvo tem sua origem no século XVI e é um dos três mais antigos núcleos de povoamento do Estado. Tradicionalmente, a economia é baseada na cultura canavieira, na agricultura de subsistência, na pecuária extensiva e de corte, na pesca artesanal no rio Manguaba e no mar, e no artesanato de cerâmica, palha cipó, tecido e linhas. A partir de 1980, começou também a se destacar pelo turismo.

Conforme dados do projeto, em todos os municípios do Litoral Norte de Alagoas, a taxa de analfabetismo (analfabetos com 15 anos ou mais de idade) está acima de 35%. Dentre os quinze

municípios, em dez, o índice de analfabetismo ultrapassa 40%, sendo que em dois municípios (Novo Lino e Porto de Pedras) esse índice é superior a 48%. A alta taxa de analfabetismo constatada é um forte indicador de exclusão social e constitui obstáculo intransponível ao desenvolvimento da sub-região e do Estado, como um todo.

A iniciativa da Ufal em implantar um Campus no Litoral Norte voltado à formação e qualificação de professores de alto nível, para atuar no ensino básico, constitui-se, portanto, como primeira e fundamental etapa no caminho da transformação da realidade local. O projeto do novo Campus foi entregue ao Ministério da Educação.



Reunião da reitora Ana Dayse Dorea com o ministro da Educação Fernando Haddad

# Medicina mais próxima da sociedade

Lenilda Luna

Ansiosos para iniciar a prática médica, os alunos do 4º período de Medicina, Janisson Garrote, André Wanderley e David Monteiro às vezes se impacientam com a quantidade de horas de estudo dedicadas aos estudos sociais no curso. Por outro lado, eles entendem essa mudança no currículo. "A disciplina Saúde e Sociedade é importante para contextualizar a prática médica", pondera Janisson.

Como ainda estão no início do curso, os alunos ainda não visualizam como pretendem atuar. "Quero estar pronto para tudo, trabalhar em hospital, atuar no Programa de Saúde da Família ou até mesmo abrir uma clínica", diz André Wanderley. Por isso, o aluno considera que é fundamental uma formação mais generalista e voltada para o contexto social onde o médico vai atuar.

Os colegas de turma estão acompanhando os debates sobre a reformulação do currículo de Medicina. "Sabemos que esta proposta vem sendo discutida há mais de uma década no Brasil e, nos últimos anos, o curso de Medicina da Ufal passou por algumas mudanças. Queremos acompanhar essas novas propostas de diretrizes da formação do profissional de medicina", garante David Monteiro.

Esse é um processo que leva tempo, porque, além de reformular diretrizes curriculares, é preciso implementar novas práticas pedagógicas. "Alguns professores adotam os novos conteúdos, mas não

mudam a forma de ensinar, ou seja, as metodologias ainda são antiquadas e pouco participativas", refletem os colegas do 4º período de Medicina.

## Reformulação das Diretrizes Curriculares

Segundo o diretor do curso de Medicina da Ufal, professor Francisco Passos, a reformulação das diretrizes curriculares foi implementada a partir da insatisfação com a formação do profissional de Medicina. "Estávamos formando profissionais cada vez mais jovens, voltados para a demanda de um mercado neoliberal, com uma formação segmentada para atender às especialidades médicas", pondera o médico e professor de medicina.

"Essa formação segmentada gerou uma fragmentação na concepção do paciente, que era visto como um 'sintoma' e não como um indivíduo que tem uma história. O contexto de vida não era levado em conta no momento do diagnóstico", explica Francisco. "A partir dessas reflexões, foi criada a Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação das Escolas Médicas, com representantes da comunidade acadêmica e da classe médica, com o principal objetivo de propor mudanças para o ensino médico", conta o diretor da Famed.

A partir de 2006, a reformulação das diretrizes curriculares ganhou força na Ufal. Foram

realizadas várias oficinas de trabalho para debater as mudanças com professores e alunos do curso. Nesse processo, foram abolidos os departamentos e criados três grandes eixos para o curso: Teórico-prático-integrado, que integra os conteúdos e direciona a atenção do médico no processo saúde-doença; Aproximação à prática médica e comunidade, que desenvolve o raciocínio e a construção de práticas em contextos reais; e Desenvolvimento pessoal, que visa a formação interpessoal do aluno como pessoa e cidadão.

"Com a implantação dos ciclos, buscamos também metodologias ativas de aprendizagem, diversificando os cenários desde o primeiro dia de aula, integrando ensino e serviço à comunidade e ampliamos o período de internato para dois anos", resalta Francisco Passos. O diretor da Famed explica ainda que toda essa reformulação é bastante flexível, incorporando as preocupações e discussões levantadas pelos alunos e professores.

"Entendemos, inclusive, a ansiedade dos novos alunos, mas temos este propósito de vincular a formação do médico à realidade social, às necessidades de saúde da população, tanto da prática médica, quanto do processo de ensino-aprendizagem. O curso de Medicina deve formar um profissional que seja cuidador e que estimule a autonomia dos usuários", conclui Francisco Passos.

tempo

aprendizagem

sociedade

mudanças

profissional

MEDICINA

médico

Alunos de 4º período de Medicina

Francisco Passos - diretor da Famed

Aula de Medicina no 4º período

Jamisson Garrote

# O uso de novas tecnologias nas salas de aula

Lenilda Luna

Redes sociais, salas de bate-papo, compartilhamento de vídeos. Essas e outras ferramentas já fazem parte do cotidiano dos jovens de todas as classes sociais. Quem não tem computador conectado à internet em casa, tem acesso no trabalho, nos laboratórios de informática das escolas e faculdades e até mesmo nas lan houses que se multiplicam em cada esquina. Essas novas tecnologias também estão cada vez mais presentes nas salas de aula e estimulam a participação dos alunos, por meio de construção coletiva de textos, compartilhamento de informações e outras práticas pedagógicas.

Luciano Virtuoso, aluno do 5º período de Odontologia, diz que um notebook e um datashow já são instrumentos comuns em aulas. "Nem sei como era antigamente. Hoje não dá para imaginar uma aula do nosso curso sem utilizar essas tecnologias. É mais fácil visualizar o que o professor está explicando nas aulas teóricas com a ajuda de fotos, vídeos e gráficos para ilustrar o conteúdo", diz o aluno.

Nas aulas do professor Ticiano Gomes, do curso de Farmácia, os recursos tecnológicos também são importantes aliados. "Além de facilitar o planejamento das aulas, é mais fácil compartilhar as informações", destaca o professor. Na aula de Nutrição, a aluna Sara Juliana Araújo ressalta as mesmas vantagens. "Podemos prestar mais atenção nas aulas. O conteúdo teórico apresentado é enviado por e-mail. Sem a preocupação de copiar tudo, podemos nos voltar para o que é essencial na explanação do professor", diz a aluna.

## Práticas pedagógicas mediadas pelas tecnologias

A Ufal aprovou, em 2010, um projeto junto à Capes para investir na capacitação dos professores. O projeto "Práticas Pedagógicas Mediadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação: Proposta de Integralização nos Cursos de Graduação da Ufal", é coordenado pelo professor Ig Ibert Bittencourt, da Coordenadoria Institucional de Educação a Distância, e está sendo aplicado em 23 disciplinas de vários cursos de graduação da Ufal.



Professores Fábio Paraguaçu e Cleide Jane ressaltam a importância dos ambientes virtuais de aprendizagem



Para o professor Ticiano Gomes, a tecnologia contribui para uma melhor aula

Segundo Fábio Paraguaçu, professor do Instituto de Computação, a utilização de novas tecnologias nas salas de aula presenciais ganham um impulso com o crescimento da Educação a Distância. "Os ambientes virtuais de aprendizagem, criados para a EaD, que agregam mídias como rádio, televisão, chats, fóruns etc, estão sendo utilizadas também nos cursos presenciais, mudando a forma tradicional de dar aulas, com o apoio de giz e quadro", pondera o professor.



O data show, por exemplo, é uma das ferramentas mais utilizadas

A professora Cleide Jane de Sá, do Centro de Educação, lembra que 20% das aulas dos cursos presenciais podem ser dadas utilizando as plataformas de ensino a distância. "Estes ambientes virtuais de aprendizagem consolidam uma proposta pedagógica que já vinha em discussão entre os educadores. O conceito de interação, na qual o professor é um mediador na construção do conhecimento fica mais palpável em uma didática que permite a geração coletiva de conteúdos", explica a educadora.

Essa mudança na concepção do papel do professor, que está em discussão na universidade, também já é uma realidade nas escolas de ensino fundamental e médio. "As crianças que se desenvolvem

cercadas por essas tecnologias interativas não querem mais aulas tradicionais, na quais são obrigadas a ficar em silêncio, copiando textos do quadro. Elas se motivam apenas quando têm a oportunidade de participar, de criar", pondera Cleide.

"Estamos num universo tecnológico. Sem interação, não há crescimento", complementa Fábio Paraguaçu. Ele destaca que na Educação a Distância os professores utilizam a plataforma Moodle, que permite a utilização de vários recursos de compartilhamento de conteúdos e trocas de ideias. Esse recurso obrigatório em EaD também passa a ser cada vez mais utilizado nos cursos presenciais. "Basta que o professor solicite um cadastro no Núcleo de Tecnologia da Informação e pode utilizar a plataforma Moodle nas disciplinas que ministra", explica Fábio.

## Formação de Professores

Na universidade, algumas pesquisas têm se voltado para a utilização de novas tecnologias na Educação. A tese de mestrado "Da lousa ao computador. Resistência e Mudança na Formação Continuada de Professores para Integração das Tecnologias da Informação e da Comunicação", de Francisco Soares Pinto, defendida em 2008, com orientação da professora Cleide Jane de Sá, é um exemplo de como os pesquisadores na área de Educação estão buscando entender essas mudanças.

Mas a maioria das pesquisas está voltada para as políticas de educação básica. "Não temos ainda um levantamento de como estão sendo utilizadas estas tecnologias aqui dentro da Universidade. Isso é importante porque aqui são formados os profissionais que vão atuar nas escolas públicas e particulares", ressalta Cleide.

Os pesquisadores destacam duas realidades quando se trata de novas tecnologias na Educação. "Temos aqueles professores que são capacitados e estimulados a utilizar esses recursos, mas não tem estrutura adequada no ambiente de trabalho. Faltam computadores, conexão com a internet, data show etc. Por outro lado, temos os ambientes muito bem equipados, mas onde os educadores não sabem nem mexer nos equipamentos", explica Fábio Paraguaçu. Ele destaca que as duas situações precisam ser equacionadas. "Precisamos de estrutura e de profissionais capacitados", conclui.



Novas tecnologias facilitam o aprendizado dos alunos

# O processo de interiorização da Ufal

Anderson de Barros Dantas\*

A Ufal faz ensino, pesquisa e extensão há 50 anos, ao longo dos quais, e de maneira natural, iniciou e vai consolidando as suas ações no interior do Estado de Alagoas. É fato que a pesquisa e a extensão chegaram primeiro ao interior, até porque essas atividades nunca foram reféns da existência de uma infraestrutura física.

A primeira iniciativa de um curso de graduação da Ufal no interior foi através da instalação do curso de Agronomia na Fazenda São Luiz, localizada no Município de Viçosa, em 1975, na gestão do Reitor Nabuco Lopes. Em 1984, o curso foi transferido para a Capital pelo Reitor Fernando Gama e, por fim, em 1996, na gestão do Reitor Rogério Pinheiro, foi transferido definitivamente para a cidade de Rio Largo.

Preocupado com a expansão da oferta do ensino básico no Estado de Alagoas, que ocorreu nas décadas de 70 e 80, e com carência de disponibilidade de professores com qualificação adequada, a Ufal, por meio do Centro de Educação, fez em 1998 a oferta de um curso semipresencial em Pedagogia, o que seria o marco da oferta de cursos na modalidade a distância da Ufal.

Essas ações, embora de significativa importância e capazes de provocar transformações na sociedade

local, não capilarizavam as demandas históricas de formação no interior de Alagoas. Era preciso adensar as ações anteriores a ponto de reverter os indicadores da região, principalmente se levarmos em consideração que a grande maioria dos que concluem o ensino médio encontra-se no interior do Estado, sem condições de estudar na capital.

Foi nessa perspectiva, que em 2003 assumia a gestão da Ufal a Reitora Ana Dayse Rezende Dorea, tendo como um dos seus eixos norteadores de gestão a consolidação de um projeto de interiorização da Ufal como elemento de desenvolvimento para o Estado de Alagoas. Nessa gestão, a interiorização dos cursos de graduação ocorreu em três grandes ações.

A primeira delas foi a criação, em 2005, do Campus Arapiraca, sediado nesse Município, com mais três Unidades de Ensino Fora de Sede (Palmeira dos Índios, Penedo e Viçosa). O Campus iniciou a sua oferta em 2006, e em 2007 já possuía 16 cursos em pleno funcionamento, proporcionando ao todo 640 novas vagas/ano.

A segunda ação estava voltada para a oferta de cursos de graduação a distância. Em 2006, a Ufal implementou, pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Feac), o

curso de Administração, oferecendo 500 vagas nas cidades de Maceió, Porto Calvo e Santana do Ipanema. Em 2007, pela UAB, foram implementados os cursos de Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Física e Sistema de Informação, onde mais de 900 vagas foram ofertadas nas cidades de Maceió, Maragogi, São José da Lage, Santana do Ipanema e Olho D'Água das Flores. Em 2009 tiveram início, ainda pela UAB, os cursos de Administração Pública e Licenciatura em Matemática, nas cidades de São José da Lage, Maragogi e Maceió. Isso representou mais 400 novas vagas ofertadas pela Ufal.

Na terceira ação, a Ufal fez a adesão ao Reuni em 2007. Isso proporcionou a sua instalação permanente, com cursos presenciais, nas cidades de Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema. Estava criado o Campus do Sertão com 8 novos cursos e 640 novas vagas. O funcionamento do Campus do Sertão se deu em 2010. Na mesma ação, o Reuni permitiu a criação de três novos cursos noturnos no Campus Arapiraca, com 120 novas vagas efetivadas no início de 2011.

A Ufal estava presente até 2003 em um único Município (Rio Largo), tendo se instalado com ações de graduação, em 2011, em mais 11 Municípios do interior (Arapiraca, Delmiro Gouveia, Palmeira dos Índios, Maragogi, Penedo, Piranhas, Porto Calvo, Olho D'Água das Flores, Santana do

Ipanema, São José da Lage e Viçosa). Quando observamos o número de alunos matriculados no interior, ele sai de aproximadamente 640 alunos, em 2003, para aproximadamente 6.140 alunos, ou seja, quase dez vezes mais. Já quando observamos a origem do aluno, a interiorização alcança mais de 80 cidades, inclusive de fora do Estado de Alagoas.

É a Geração de Conhecimento. Conhecimento que Transforma.

\*Pró-reitor de Graduação e Professor doutor da Feac/Ufal



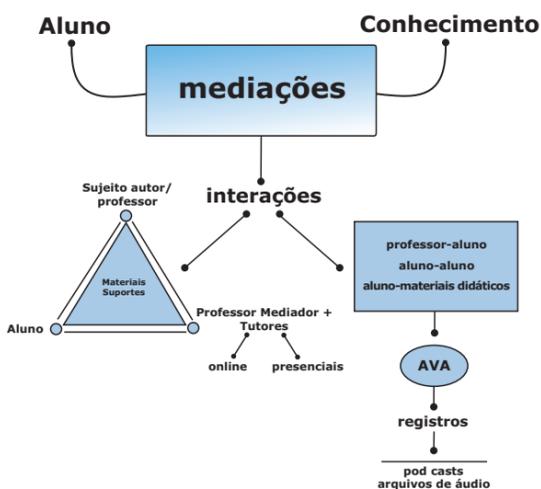
Oficina de teatro no Campus do Sertão durante o Congresso Acadêmico 2010.

# Educação a Distância: para todos e em todo lugar

Rose Ferreira - jornalista

A princípio vista com maus olhos e taxada como uma precarização do ensino docente, a Educação a Distância (EaD), desde que foi oficialmente implantada nas universidades a partir do Decreto n. 5.622 de 19 de dezembro de 2005, tem crescido vertiginosamente e demonstrado que a integração entre Educação, Tecnologias da Informação e Comunicação é eficaz e pode fazer uma grande diferença.

De acordo com números do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o Brasil forma, atualmente, mais professores para a educação infantil e para o fundamental pela via do Ensino a Distância do que pela educação presencial. Dos 118.376 estudantes que concluíram essas habilitações em 2009, 65.354 (55%) graduaram-se por EaD, contra 52.842 (45%) egressos da educação presencial. Também no que diz respeito à quantidade de docentes em exercício na Educação Básica que estavam matriculados em cursos de Pedagogia, aqueles oriundos da formação a distância eram maioria em 2009, segundo dados do Ministério da Educação (Mec). Das 192.965 matrículas, 60% eram em EaD.



No entanto, para Anamelea de Campos, coordenadora da Coordenação Institucional de Educação a Distância (Cied) da Ufal, é importante que não se pense essa modalidade como algo dicotômico

em relação ao ensino presencial. "É imprescindível que haja uma integração entre o ensino presencial e a distância, porque o primeiro permite ajustes no conteúdo de acordo com o feedback do público-alvo, e as tecnologias só ampliam as possibilidades, já que têm um maior alcance e disponibilizam ferramentas para a criação de um material didático organizado, atraente e disponível a qualquer hora e em qualquer lugar", destaca a pesquisadora.

A Ufal, que começou a desenvolver ações de educação a distância com formação de professores no modelo semipresencial em 1998, hoje conta com 10 professores concursados na área de EaD, cinco funcionários na Cied, e oferece 6 cursos de graduação, dentre licenciaturas e bacharelados (Administração, Administração Pública, Sistemas de Informação, Física, Matemática e Pedagogia), cinco de especialização e três de aperfeiçoamento, distribuídos nos polos Maceió, Santana do Ipanema, Olho d'Água das Flores, Maragogi, São José da Lage, Penedo, Piranhas e Arapiraca.

O objetivo dos polos é oferecer o espaço físico de apoio presencial aos alunos da região, mantendo as instalações físicas necessárias para atender aos alunos em questões tecnológicas, de laboratório, de biblioteca, entre outras. Cabem aos Municípios e Estado, de forma individual ou em consórcio, a estrutura e organização dos polos, de acordo com as orientações do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Nesse sentido, o polo de São José da Laje tem passado por dificuldades: continua em funcionamento, mas não pode receber novos alunos porque foi reprovado na avaliação realizada pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (Seed/Mec) em 2010. "Apesar da liberação do recurso de Brasília, as mudanças necessárias ainda não foram realizadas", explica a prof. Anamelea Campos.

Para entender melhor como funciona a modalidade a distância, é preciso identificar o papel de cada integrante no processo de ensino-aprendizagem. Além dos coordenadores de curso e de tutoria, há os professores autores, que elaboram os materiais didáticos, ministram aulas nos encontros presenciais e também estão à disposição para esclarecer dúvidas; e os professores mediadores/tutores, que podem ser presenciais ou online, travando um contato mais direto com os estudantes no dia-a-dia, motivando-os e fazendo intervenções acadêmicas (conferir mapa conceitual). Todas as interações (professor-aluno, aluno-aluno e aluno-materiais didáticos) e registros em

podcasts e arquivos de vídeo, por exemplo, são realizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), como o Moodle ([www.moodle.org.br](http://www.moodle.org.br)).

Wilma Alves, coordenadora do polo em Santana do Ipanema e tutora do curso de Licenciatura em Pedagogia, tem a dimensão da importância do trabalho que desenvolve quando vê os alunos superando suas dificuldades e se inserindo no mundo digital. "A atuação do tutor em momentos de dificuldade dos alunos é imprescindível. Como tutora online de polos na zona rural do Estado, já passei por várias situações nas quais os alunos estavam a ponto de desistir. Um exemplo que me lembro bem é o da Joana: ela exercia todas as funções (professora, diretora, coordenadora, supervisora) em uma escola no município de Jacaré dos Homens e agarrou a chance de ter uma graduação em Pedagogia no polo de Olho d'Água das Flores. Enfrentou muitas dificuldades. No início não sabia manusear o computador, mas não desistiu e hoje conta com orgulho que aprendeu a lidar com os equipamentos de informática, internet e o Moodle", relata a tutora. "Tenho certeza que meu trabalho contribui para a formação de cidadãos que estão atuando em sala de aula em áreas carentes do Estado e que compartilham os mesmos conhecimentos com seus alunos, equipe escolar e comunidade. Isso é gratificante e não há preço que pague!", desabafa.



Polo São José da Laje